

FORMAÇÃO DE MONITORES PARA LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA EDUCATIVA: DO PAPEL À PRÁTICA

Antônia Lis de Maria Martins Torres¹
Cristiane Borges Braga²
Régia Helvis Ribeiro Quirino³
Hermínio Borges Neto⁴

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte integrante da pesquisa **“TELE-AMBIENTE: DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO DE FERRAMENTAS COOPERATIVAS, ADAPTATIVAS E INTERATIVAS APLICADAS AO ENSINO A DISTÂNCIA”**.

O projeto é composto de três subprojetos: Projeto Cadi, que tem como objetivo organizar uma metodologia de curso a distância, de Didática em Informática; o projeto Tele-Cabri, que, após a implantação de um ambiente de aprendizagem, pretende veicular cursos de Ciências e Geometria, e, por fim, a Sala-ambiente, que servirá de suporte presencial e virtual para as pesquisas.

O Tele-Ambiente é desenvolvido a partir de um consórcio com três instituições de ensino: a Faculdade de Educação-FACED-UFC, o Mestrado em Inteligência Artificial-UNIFOR e a Escola de Ensino Fundamental e Médio M.^a da Conceição Porfírio Teles. Esta última originou um subgrupo da pesquisa onde atuamos diretamente com os professores da escola, com o objetivo de prepará-los através da formação em Informática Educativa, para os testes-pilotos desenvolvidos durante toda a pesquisa.

Esses testes-pilotos, cursos que estão sendo planejados, executados e avaliados, serão vinculados numa estrutura Tele-Ambiente de aprendizagem. Isto é, uma ferramenta que incorpora som, imagem, texto, correio e uma interface compartilhada entre professor e aluno (podendo inclusive compartilhar um ambiente de aprendizagem com software específico) de modo a compor um ambiente virtual de aprendizagem no qual serão veiculados cursos interativos a distância.

Desde o início das atividades na escola, foi sempre uma solicitação dos professores a presença de monitores, para auxiliá-los nos trabalhos relativos à pesquisa, fosse em sala de aula, para que pudessem substituí-los enquanto estavam no laboratório nos encontros com o grupo da pesquisa, ou no laboratório, para ajudá-los com os alunos durante as aulas que lá fossem programadas.

Neste contexto, esse trabalho se propõe relatar todo o processo desenvolvido durante a formação de alunos da Escola para serem monitores, com o intuito de darem suporte às atividades há pouco mencionadas.

2 OBJETIVOS

O objetivo de construir um Curso de Capacitação para alunos da escola Conceição Teles para atuarem no laboratório de Informática surgiu além de uma necessidade do grupo de professores que são sujeitos na pesquisa Tele-Ambiente, mas principalmente da grande expectativa dos alunos para utilização desse espaço.

¹ Mestranda em Educação; e Bolsista de Iniciação Tecnológica Industrial do CNPq

² Graduada em Pedagogia; e Bolsista de Iniciação Tecnológica Industrial-ITI do CNPq

³ Bolsista de desenvolvimento tecnológico e industrial – DTI – CNPq

⁴ Professor Orientador, Doutor em Matemática-UFC, Coordenador do Laboratório de Pesquisa Multimeios da FACED/UFC

Essa situação mostrou-se mais evidente no que diz respeito aos turnos da tarde e noite, visto que havia um número significativo de jovens e adultos na Escola interessados em aprender a utilizar os computadores, buscando melhor qualificação no mercado de trabalho.

Nossa proposta foi, além de oferecer conhecimentos técnicos, estabelecer um canal de comunicação com o grupo que estaria atuando no laboratório, fosse professor ou aluno. Assim decidimos como “eixo” do curso trabalhar com os recursos da Internet (exploração de sites de busca; utilização de listas de discussão; atividades envolvendo o chat), tentando levantar uma discussão do emprego destes na Escola. A partir daí, trabalhamos organização e conduta do Laboratório e noções de recursos técnicos (instalação e uso de software; scanner; impressoras; compartilhamento de drives e pastas), que para nós apareciam como valores agregados ao curso.

3 METODOLOGIA

Iniciamos a divulgação, com os bolsistas da pesquisa passando nas salas de aulas nos turnos da manhã, tarde e noite, propagandeando o cronograma dos cursos, bem como explicando à comunidade escolar o objetivo deste. No ato da inscrição, houve uma demanda muito grande de alunos que desejavam participar do programa, superando nossas expectativas. Desta forma, foi consenso entre o grupo o fato de que iríamos oferecer uma capacitação a todos os que se inscreveram. Assim, os dividimos em dois grupos. O primeiro, os que fariam a formação para monitores, com uma carga horária de 40 horas. Para isso, estabelecemos alguns critérios (morar próximo à escola, disponibilidade de tempo, idade, ter conhecimentos básicos em Informática). Para outro grupo, oferecemos uma formação com o mesmo conteúdo, porém mais sem muito aprofundamento, e por isso, uma carga horária menor-de 20 horas. Com efeito, foram criadas cinco turmas, sendo duas de 40 horas e três de 20 horas, em turnos e horários alternados.

A ementa do nosso curso baseava-se nos seguintes pontos centrais: discussão da utilização dos recursos/serviços da Internet na Escola, como exploração de sítios de correio eletrônico gratuitos; exploração de mecanismos de busca: (sítios) Cadê, Yahoo, Alta Vista e outros; utilização de listas de discussão (www.egrupos.com.br/tele-ambiente); discussão das atividades do curso, usando o Chat; e das noções de recursos técnicos em Informática. Através destes pontos, agregamos as seguintes atividades: noções de organização e conduta de um laboratório; instalação e uso de software, scanner, impressora, etc, compartilhamento de drives e pastas em rede; salvção de documentos no computador e em disquete; captura de imagens da Internet (salvar, copiar e colar); organização de documentos no Windows Explorer, criação de pastas; uso do editor de textos, emprego de aplicativo de apresentação etc.

A metodologia das aulas configurava atividades realizadas com trabalhos em equipe e, como forma de melhor aproveitamento dos módulos, foi estimulado o aprendizado através da prática do aluno para que ele pudesse “aprender fazendo”.

4 A escola e os alunos



A Escola M^a da Conceição Porfírio Teles possui mil e trezentos alunos, distribuídos nos três turnos (manhã 7h às 11h, tarde 13h às 17h e noite 19h às 22h), atendendo a comunidade do bairro da Aerolândia, antigo Lagamar, onde esta localizada. Faz parte de um complexo educacional, junto com o Projeto ABC e uma creche mantida pela FEBEMCE. Sua criação deu-se no governo Ciro Gomes. A diretora, a coordenadora e parte dos professores que lá atuam vieram transferidos de outra escola. Sua estrutura administrativa é formada por uma diretora geral, uma coordenadora pedagógica e uma secretária. Um detalhe importante é que a escola não conta com um Articulador Comunitário pois atende apenas 1.300 alunos. O Conselho Escolar está em seu primeiro ano de funcionamento. A participação da comunidade na Escola acontece em momentos isolados, e, um exemplo são os pais que auxiliam na limpeza da Escola;

Os alunos, em sua maioria, são pertencentes à classe baixa. Apesar de todos os contratemos que surgiram no decorrer do curso, a participação dos alunos foi fundamental para o desenvolvimento das atividades. Essa participação era o resultado da grande vontade e curiosidade em que eles apresentaram no decorrer do curso. A maioria deles está nas salas do terceiro ciclo (equivalente à 7^a e 8^a) do ensino fundamental; outros, no ensino médio, e alguns estão na educação de jovens e adultos, no período da noite. Vale ressaltar que inicialmente pretendíamos atender a um público de 60 alunos, mas em razão da intensa procura, já citada, expandimos o número de vagas e trabalhamos no final com cerca de 150 alunos.

A necessidade dos estudantes de aprender em ultrapassava quaisquer, dificuldades postas muitas vezes pela própria estrutura pedagógica da Escola. Eles procuravam não faltar, cuidavam da limpeza do laboratório, participavam ativamente das aulas, perguntando, tentando descobrir. Respeitavam muito a presença do monitor responsável pela turma e tinham uma certa paciência quando na demora da Internet, sendo também eram flexíveis quando o roteiro programático da atividade era modificado.

5 CURSO

O curso para monitores do Laboratório de Informática surgiu da necessidade da Escola, principalmente dos professores, em terem monitores presentes ao laboratório de Informática para apoio ao desenvolvimento de suas atividades.

O curso foi planejado tendo a Internet com o “eixo” central, ou seja, a Internet era o ponto de partida para o desenvolvimento das outras atividades. De acordo com José Moran (2000), a Internet é uma mídia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece, além de poder ajudar a desenvolver a intuição, a flexibilidade mental, a adaptação a ritmos diferentes, formas novas de comunicação, principalmente a escrita. Por outro lado, alguns alunos não aceitam facilmente essa mudança que a Internet proporciona na forma de ensinar e aprender. Estão acostumados a receber tudo pronto do professor e esperam que ele continue “dando aula”, como sinônimo de ele falar e os alunos escutarem.

5.1 As aulas

A carga didática eram de 40 h/a semanais, alternadas entre os turnos da manhã e tarde. Os conteúdos eram todos relativos ao uso da Informática na Educação, não somente noções de hardware como também de utilização de software, regras do laboratórios, Internet. Programas como Windows, Word e PowerPoint também foram muito bem abordados no decorrer de cada curso.

As atividades eram, realizadas em grupo para que estes pudessem desenvolver um trabalho colaborativo, além de simular a realidade que eles iriam encontrar no dia-a-dia

laboratório, ao trabalharem auxiliando os professores com as turmas, que normalmente têm de 40 a 50 alunos por sala.

6 CURSO DE INTERNET SEM INTERNET

Partimos do pressuposto de Paulo Freire de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a própria produção ou a sua construção. Durante o curso, não pretendíamos dar repostas prontas aos alunos, mas fazê-los pensar acerca do assunto, fazer que eles construíssem suas respostas. Por isso, as perguntas que surgiam eram sempre respondidas com outras perguntas.

Assim iniciamos o desenvolvimento das atividades da primeira turma. Logo no primeiro dia de aula, nos deparamos com um grande problema que se prolongou durante todo o primeiro curso, ou seja, o acesso à internet era insatisfatório. Desta forma, o grande desafio foi o que poderíamos caracterizar como: trabalhar a Internet sem Internet.

A partir desse momento, todo o planejamento que havia sido realizado após um longo estudo teve que ser modificado e ajustado de acordo com as possibilidades técnicas, adequando as necessidades dos alunos, da Escola e dos professores que foram surgindo.

A falta de Internet na escola se deu por vários motivos, entre eles: o modem que a escola possuía tinha pouca capacidade para a demanda de 15 (quinze) computadores do laboratório da pesquisa; a conexão caía a todo instante, causando impaciência nos alunos, o que pode ser explicado pela baixa qualidade da linha telefônica da Escola. Outro problema foi gerado até mesmo por uma funcionária do outro laboratório da Escola que, “sem querer” cancelava a conexão com a Internet. Esses foram alguns dos empecilhos com os quais nos deparamos na Escola. No final do curso, praticamente nenhum aluno tinha sua conta de correio eletrônico, nem mesmo tinha pesquisa do em algum site de busca na Internet.

Para solucionarmos esses então problemas citados, foi necessário contarmos com um grupo de bolsistas do Laboratório Multimeios, da Faculdade de Educação da UFC, que deram um suporte técnico, já que a Escola naquele momento não possuía nenhum tipo de assistência de manutenção aos equipamentos de acesso à Internet, o que não resolveu o problema totalmente, pois a Internet continuava caindo, e poucos computadores podiam acessar ao mesmo tempo a rede, pois, caso todos acessassem, a conexão ficaria muito lenta.

Vale ressaltar que a Escola faz parte do projeto da Rede Nacional de Pesquisa (RNP2), e por isso deveria já estar conectada na Internet 2, o que não está ocorrendo em reação de outros problemas operacionais.

Entretanto a ausência da conexão com a Internet nos proporcionou reflexões e usos de outras metodologias para alcançarmos nossos objetivos, entre eles a cooperação. Um exemplo disso foi o grande resultado no final do curso, pois já não havia apenas um professor e sim vários, pois os alunos sentiam-se seguros em ajudar seus colegas na construção de suas respostas. Procuramos desenvolver os pressupostos do trabalho na Internet, apesar da dificuldade e, em alguns momentos, até mesmo da impossibilidade de acesso. Com isso, em certo ponto, percebemos que a Internet é fundamental para a continuação dos nossos trabalhos, por ser uma importante fonte de informação e com certeza amplia os horizontes.

Mas é importante diferenciarmos informação de conhecimento, pois há uma grande confusão nesses conceitos. Segundo José Manuel Moran, na informação, os dados estão organizados dentro de uma lógica, de um código, de uma estrutura determinada. Conhecer é integrar a informação no nosso referencial, no nosso paradigma, apropriando-a, tornando-a significativa para nós. O conhecimento não se passa, o conhecimento cria-se, constrói-se.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção das Tecnologias de Informática e Comunicação envolve um vasto campo de interrogações e reflexões acerca da situação nas atuais escolas públicas, não bastando apenas discutir, mas procurar soluções. “ Cabe lembrar que as NTICs não são necessariamente mais relevantes ou mais eficazes do que as mídias tradicionais em qualquer situação de aprendizagem. Mas é preciso também não esquecer que, embora estas técnicas ainda não tenham demonstrado toda sua eficácia pedagógica, elas estão cada vez mais presentes na vida cotidiana e fazem parte do universo dos jovens, sendo esta a razão principal da necessidade de sua integração à educação” (BELLONI, 1999).

No decorrer deste texto, propusemos realizar discussões acerca da utilização da Internet, contudo verificamos que esse uso envolve aspectos mais complexos, não basta apenas ter boa vontade, mas precisa sim de um maior envolvimento político com as questões que compõem o todo do dia-a-dia escolar. Desta forma, é fundamental discutir a estrutura de trabalho na Escola, pois sabemos o quanto é importante que a instituição preveja um espaço físico e a quantidade de equipamentos adequados para um laboratório de informática educativa.

Percebemos que, apesar dos investimentos do Governo para equipar as escolas, ainda há uma limitação de acesso dos alunos das escolas públicas às novas tecnologias. É justamente aí onde percebemos o grande potencial colaborativo que pode ser desenvolvido não apenas nas atividades didáticas como também com relação aos problemas técnicos e operacionais da Escola.

Com relação ao espaço físico do laboratório da Escola, este encontra-se na maior parte do tempo empoeirado, as paredes são úmidas, possuindo um ambiente abafado. De certa forma, esses fatores dificultam o desenvolvimento das atividades ali. Foi necessário organizar grupos voluntários de alunos para a realização da limpeza da sala, possibilitando um maior envolvimento dos alunos. Sabemos que isso não depende de nós, mas sim de envolvimento político, pois é uma questão complexa.

A interação entre as inovações tecnológicas e as mudanças no âmbito da economia, política, social e educacional é evidente. A complexidade deste processo também é notável. Nem sempre alguns aspectos da cultura acompanham as novas possibilidades de controle da natureza conseguidas pelo avanço técnico-científico” (Carvalho, 1999 in Tecnologia & Interação).

Diante de tudo, foi-nos possível constatar, durante essa breve e rica experiência com esta formação de monitores, que todas as dificuldades lá encontradas passam pela via política ou de postura político-administrativa. Tal situação é uma reprodução do contexto social em que vivemos, no qual é sempre argumentada a impossibilidade da resolução de situações, como a que relatamos aqui- a falta de clareza de competências, ou seja, a quem compete fazer o que, onde e quando? Assim, discutiremos esses pontos em um novo trabalho, onde pretendemos, se possível, apontar alguns caminhos para que esses entraves sejam removidos da escola .

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 1999.

- COSTA, Luíza Furtado de Mendonça. BASTOS, Fábio da Purificação. *Vivência de Grupos Colaborativos na Interface Educação e Informática: via Investigação-Ação Educacional*.
- COSTA, Luíza Furtado de Mendonça. *Formação dos Profissionais da Educação em Informática: a via da Investigação-Ação Educacional*. Dissertação de Mestrado. UFSM. Santa Maria; Brasil, 2000
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)
- MACHADO, Nilson José. *Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. Coordenação editorial Danilo A. Q. Morales. São Paulo: Cortez, 1995.
- MORAN, José Manuel. MASSETO, Marcos T. BEHERENS, Marialda Aparecida. *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000